

# Beja Medieval

## Os silos da Avenida Miguel Fernandes

Andrea Martins  
César Neves  
Vera Aldeias

---

“O povo conhece-os pelos nomes de matmôrras, matamôrras, masmorras, matmôras, covas e covelas, designações em que liga à ideia de esconderijo a de prisão, e isso o faz justificadamente”  
(Abel Viana, 1946, 173)

### Resumo

No âmbito do programa BejaPólis realizou-se uma intervenção arqueológica de emergência no Parque Subterrâneo da Avenida Miguel Fernandes, onde se identificou um conjunto de 137 silos. Estes localizam-se no exterior da muralha e a sua cronologia enquadra-se no período Medieval cristão, estando colmatados com materiais de diversas tipologias.

### Abstract

In 2004, an archaeological rescue excavation took place in Beja (Av. Miguel Fernandes) identifying a set of 137 silos. These were situated outside of the ancient city walls and its

chronology is fit in the Christian Medieval period. The archaeological record is characterized by a large number of archaeological materials of several typologies.

### 1 - Introdução

A prática de “encovar” o cereal e/ou bens alimentícios encontra-se presente em diversos contextos arqueológicos, desde época pré-histórica até período moderno, tendo sido igualmente utilizada em época contemporânea quando as circunstâncias mais adversas exigiram que se escondessem todos os bens alimentares.

Os silos são estruturas negativas caracterizadas pela sua função de contentor de armazenamento de diversos materiais, como cereais, frutos secos, líquidos diversos, sendo o trigo o cereal por excelência guardado nos silos.

A construção do Parque Subterrâneo da Avenida Miguel Fernandes inseriu-se no programa de requalificação urbanística Beja Polis, sendo o projecto do Arquitecto João Santa-Rita. Foi efectuada, pela equipa da empresa de arqueologia *Cri-varque*, uma intervenção arqueológica de emergência em meio urbano, onde se identificaram 137 silos e algumas estruturas contemporâneas, tendo a intervenção a duração de sete meses, em contexto de prosseguimento de obra. Através da análise da cultura material podemos enquadrar o preenchimento da maioria dos silos na transição do período Medieval para a época Moderna, ou seja, entre os séculos XV-XVI.

## 2 - Enquadramento administrativo e geomorfológico

A Avenida Miguel Fernandes localiza-se na cidade de Beja, no exterior das muralhas, pertencendo às freguesias de São João Baptista e São Tiago Maior (fig.1).

A passagem para o interior da muralha realiza-se pelo Postigo dos Prazeres, ou também denominado de Postigo da Corredoura, junto à Igreja da Nossa Senhora dos Prazeres. Esta área da cidade tem como topónimo Largo da Corredoura, topónimo este existente desde final do século XV, correspondendo ao lugar de passagem de gado para a feira, ou do lugar nas próprias feiras destinado ao gado.



Fig. 1 - Localização da Av. Miguel Fernandes na cidade de Beja (fotografia aérea).

Em termos geológicos, o Maciço de Beja é um complexo composto por rochas plutónicas e vulcânicas, subdividindo-se, globalmente, em duas zonas principais: a zona do

complexo básico gabro-diorítico de Beja, e a zona ácida dos Pórfiros de Baleizão- Alcáçovas.

É sobre a zona de gabro-dioritos que se desenvolvem os chamados *Barros negros* ou *Barros pretos*, que consistem em solos evoluídos de cor escura, argilosos, com elevada elasticidade e rjeza. As suas características de textura e de forte impermeabilidade suscitam o desenvolvimento de movimentações de massa, sendo que, mesmo em zonas de baixo declive, estes solos apresentam frequentes indícios de reptação<sup>1</sup>.

Apesar desta instabilidade em termos de movimentações de vertente, estes solos caracterizam-se pelo seu elevado índice de fertilidade. As características edafológicas dos *barros negros* da área de Beja são claramente conhecidas, salientando-se como solos de excelente produtividade agrícola, nomeadamente para culturas cerealíferas. A importância do valor produtivo destes solos destaca-se, e assume ainda maiores proporções socio-económicas, se pensarmos que se inserem num contexto regional em que grande parte dos solos são pobres e de fraca rentabilidade produtiva – sendo este nomeadamente o caso dos perfis de solo que se desenvolvem sobre os substratos de xisto que circundam esta área (Lopes, 2003; Carta capacidade de uso dos solos).

## 3 - Intervenção arqueológica

O programa Beja Polis realizou para este projecto de construção do parque subterrâneo sondagens arqueológicas preventivas, realizadas em 2002 pela associação Degebe, na zona do jardim. Nestas sondagens não foram identificados níveis arqueológicos preservados, apenas condutas de águas pluviais e de esgotos contemporâneas, correspondendo

as camadas identificadas a entulhos provenientes de outras zonas da cidade (Martins, 2005). Estes entulhos foram colocados nesta área para colmatação do declive natural do terreno, possibilitando assim a construção da plataforma onde o anterior jardim da avenida se desenvolvia.

O acompanhamento arqueológico iniciou-se em Agosto de 2003, iniciando-se logo após a identificação dos primeiros silos a escavação arqueológica, que terminou em Março de 2004 (fig.2).

Tratou-se de uma intervenção arqueológica de emergência, realizada em âmbito empresarial, que teve como principal objectivo a escavação integral e registo de todos os silos,



Fig. 2 - Pormenor de escavação

1 - <http://agricultura.isa.uh.pt>

assim como de outros possíveis vestígios arqueológicos existentes na área de afectação de destruição da obra. A intervenção arqueológica, quer no âmbito da escavação, quer do acompanhamento, articulou-se com o prosseguimento da obra, possibilitando a libertação de áreas para continuação dos trabalhos de construção do futuro parque subterrâneo.

#### 4 - Contextos arqueológicos

Os 137 silos identificados na Av. Miguel Fernandes localizam-se na zona Noroeste e Sudeste do parque, ou seja, na zona da anterior estrada (fig. 3). Destes 137 silos identificados, 109 foram alvo de escavação integral, 15 foram escavados até à cota de afectação da vala das infra-estruturas e 13 silos foram apenas identificados sendo realizado o seu registo fotográfico e gráfico.



Fig. 3 - Vista geral dos silos da Av. Miguel Fernandes.

A elevada concentração de silos tornou-se na característica marcante da intervenção arqueológica. Apenas foram identificados caneiros e condutas moderno-contemporâneas, que se sobrepunham às bocas dos silos, bem como todo o tipo de infra-estruturas contemporâneas em utilização. Os silos não estavam associados a qualquer outro tipo de estrutura de apoio, ou de âmbito residencial, sendo a sua distribuição linear desde a muralha da cidade até esta área mais a sul. Estas estruturas apresentam grandes dimensões, variando genericamente entre 1,50m e 5m de profundidade, com uma média de 3m de profundidade por silo. Em termos de capacidade correspondem a uma média baixa de 6m cúbicos por silo. Os silos funcionavam inicialmente como contentores de bens alimentares, nomeadamente cereais (trigo), sendo posteriormente desactivados (por razões higiénicas, estruturais, administrativas ou de localização) e passariam a ser reutilizados como local de despejo de desperdícios urbanos, domésticos ou não, funcionando como lixeiras.

Tipologicamente são estruturas negativas, escavadas no grano-diorito, de formato oval e apresentam diversas tipologias de fundos, existindo silos com o fundo em bico, oval, em saco ou plano (fig.4). Esta distinta tipologia de fundos

não corresponde a enchimentos diferenciados, nem a uma zona específica da avenida, correspondendo por vezes a alterações localizadas do substrato geológico que tornando-se mais compacto dificulta a continuação da abertura do silo.

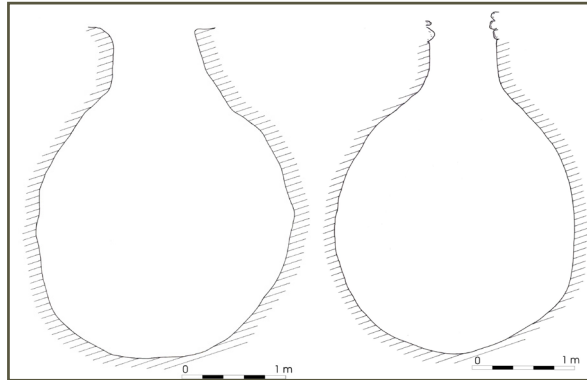


Fig. 4 - Perfis de silos (silo 53 e 17).

Alguns silos apresentavam ainda a boca estruturada, com elementos pétreos de pequena e média dimensão ou com cerâmica de construção, existindo alguns tapados por uma mó que adquiria assim a função de tampa (fig. 5).



Fig. 5 - Silo 34, com boca estruturada.

Através da escavação arqueológica tornou-se possível diferenciar distintas técnicas de enchimento dos silos. Alguns dos silos foram colmatados durante um curto espaço de tempo, com um só enchimento homogéneo. Porém na maioria dos silos, a estratificação observada revelou uma sucessão de camadas de entulho, constituídas por diferentes matrizes sedimentares, que se depositaram consoante o padrão de despejo para o interior do silo.

Nesta sequência sedimentar várias camadas apresentam o sedimento e os materiais queimados, estando envoltos em carvões e cinzas, correspondendo provavelmente a níveis de combustão (queimadas) com o objectivo de compactação de entulhos e/ou também por questões higiénicas (carcaças de animais, detritos domésticos, etc) (fig. 6).

Verifica-se que junto das paredes do silo, o sedimento encontra-se sempre mais solto e de matriz mais arenosa, com

mais elementos pétreos e com fragmentos de afloramento resultante da desagregação das paredes do próprio silo.



Fig. 6 - Corte estratigráfico do silo 47, visualizando-se distintas camadas

A desactivação da função primária dos silos foi efectuada igualmente apenas através da colocação de uma tampa, frequentemente uma mó reutilizada, permanecendo assim o silo vazio. Foram identificadas no fundo de alguns silos mós, que provavelmente seriam as tampas destes. Estas poderão ter caído para o interior (intencionalmente ou não) e possibilitado assim o início do enchimento do silo com entulhos.

Verificou-se também a colocação de elementos pétreos de pequena e média dimensão na parede do silo para colmatar um buraco existente nesta. Esta fissura foi provavelmente efectuada no momento de abertura do silo mais recente, numa altura em que não se conhecia o local exacto do silo preexistente, que por sua vez já estaria desactivado e colmatado com entulhos, cortando assim acidentalmente a parede deste último. Para tapar de forma expedita este buraco não pretendido e possibilitar a utilização do novo silo, utilizou-se os materiais que se encontravam nas proximidades.

Alguns destes silos que se encontrariam vazios ou parcialmente colmatados, foram claramente preenchidos em época contemporânea. Estes encontravam-se cortados ou parcialmente destruídos por infra-estruturas de vários tipos, sendo os sedimentos do seu interior constituídos por camadas de entulho contemporâneo. Esta situação torna-se recorrente nas intervenções realizadas em meios urbanos, em que as entidades oficiais não tem conhecimento da realidade arqueológica, mas a maioria dos habitantes da zona tem. Facto este que sucedeu na Av. Miguel Fernandes onde através de informações orais, foi referenciado o abatimento frequente do pavimento, sendo este solucionado através da colocação de entulhos nos buracos, ou seja, nos silos.

## 5 – A cultura material

Uma escavação de emergência cujo pressuposto metodológico é o salvamento pelo registo, implica que grande parte da

realidade arqueológica encontrada seja destruída, situação corrente em relação a estruturas. Além do registo destas, torna-se imperativo a recolha de todo o espólio inerente às realidades arqueológicas identificadas. Na intervenção realizada foi recolhido abundante espólio de diversas tipologias, cuja característica principal é o seu bom estado de conservação.

### 5.1. - Dados Arqueozoológicos

O espólio ecofactual é dominado por uma avultada colecção de fauna constituída por restos osteológicos das classes de mamíferos, aves, peixes e malacologia que foram alvo de um inventário preliminar, onde foi possível separar os fragmentos por ordem taxonómica. Os fragmentos de mamíferos dominam claramente o conjunto constituindo cerca de 96,5% do total. Nesta classe, os restos de animais pertencentes à ordem artiodáctila revelam a percentagem mais elevada dominando os animais domésticos como o boi (*Bos taurus*), o ovino/caprino (*Ovis/Capra*) e o porco (*Sus domesticus*). Os animais selvagens estão representados pelo veado (*Cervus elaphus*) e pelo javali (*Sus scrofa*).

A ordem *carnivora* está atestada pela presença de esqueletos completos de indivíduos da espécie *Canis familiaris* entre outras espécies (fig.7).

Quanto aos logomorfos estão dominados por *Oryctolagus cuniculus*. Os roedores constituem uma percentagem muito pouco significativa no universo total.



Fig. 7 - Silo 11 – esqueleto de cão.

A elevada frequência de partes do esqueleto cranial e extremidades dos membros dos artiodáctilos domésticos, que constituem as partes anatómicas sem interesse alimentar e o domínio das marcas de golpes relacionadas com o descarte e esquartejamento das carcaças, permitem-nos avançar a hipótese genérica que a acumulação de fauna nos silos se dever a desperdícios de matadouros, açougues e talhos.

Relativamente à malacofauna o conjunto é constituído exclusivamente por moluscos marino-estuarinos, sendo os mais representados *T. decussatus* (amêijoia-boa) e *O. edulis* (ostra), apresentando as outras espécies um número muito

reduzido. Torna-se clara a predominância destas duas espécies de moluscos comestíveis, em detrimento das outras (nem todas comestíveis) que seriam provavelmente menos frequentes (por motivos geográficos, ecológicos, culturais ou financeiros). Na realidade amêijoas e ostras podem ocorrer em conjunto, partilhando os mesmos ambientes, distribuição geográfica e distribuição batimétrica, sendo a *T. decussatus* uma das espécies acompanhantes de bancos de ostras.



Fig. 8 - Tapas *decussatus* – amêijoas e *Ostrea edulis* – ostra, recolhidas na intervenção arqueológica em Beja

## 5.2 - Espólio cerâmico

O espólio cerâmico caracteriza-se pela sua elevada abundância e pelo seu bom estado de conservação, existindo numerosas peças inteiras ou que possibilitam a reconstituição do perfil completo. As cerâmicas dividem-se essencialmente em dois grandes grupos: comum e de importação.

O primeiro grupo está representado por um vasto repertório formal que abrange todos ou quase todos os tipos de peça de uso quotidiano dos sécs. XIV a XVII.

As peças mais abundantes são, as de ir ao fogo ou de uso doméstico – caçoilas, panelas, testos, alguidares e alguns tipos de prato. Seguem-se as de contenção de líquidos (púcaros, jarros, cântaros), as de iluminação (candeias e candeiros) e, por fim, as de uso mais particular, como os penicos, mealheiros e as medidas (fig. 9 e 10).

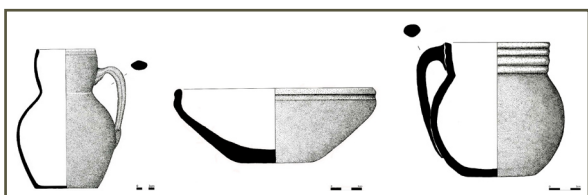


Fig. 9 - Cântaro, tigela e panela – cerâmica comum.



Fig. 10 - Cerâmica comum, principais formas

A partir do séc. XVI, com a generalização dos vidrados, boa

parte destas formas passam a incluir este tipo de revestimento.

Com o crescimento económico do século XV, Beja vê-se com um elevado poder de compra, possibilitando a importação e a chegada das denominadas cerâmicas de luxo.

As cerâmicas de importação cobrem um grande número de procedências, sendo mais significativas as Valencianas – reflexos metálicos e verde e manganês. Entenda-se que a designação genérica de Valência, diz respeito não só à área da cidade de Valência mas sobretudo às localidades de Manises e Paterna. Os recipientes valencianos seriam as peças mais apreciadas do mobiliário bejense dos séculos XIV a inícios do XVI, sobretudo por questões estéticas.

Foram recolhidos no decorrer da intervenção arqueológica uma grande quantidade de fragmentos e poucas peças completas, o que leva a afirmar que estes objectos eram alvo de um uso bastante prolongado e intenso.

Em termos formais, está presente todo o repertório formal e estilístico da cerâmica valenciana dos séculos XIV e XV, exceptuando a cerâmica comum e a pintada a verde e vinoso. Surgem motivos decorativos pintados a azul e reflexos metálicos ou ambos os elementos tratados em separado, sendo os temas predominantes os vegetalistas, os geométricos e ocasionalmente os epigráficos. Existe um predomínio de peças abertas (taças e tigelas), existindo ainda exemplares de perfil fechado (jarros, pichéis e redomas).



Fig. 11 - Tigelas Valencianas.

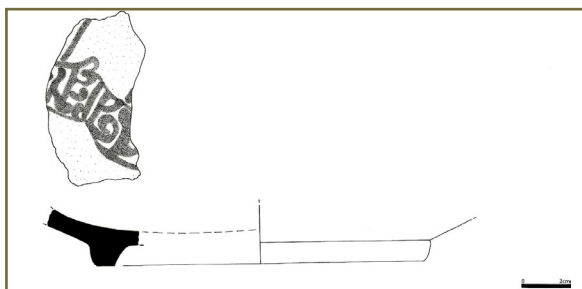


Fig. 12 - Tigela com decoração vegetalista a azul

Muitas vezes atribuídas à região de Valência, as peças provenientes de Teruel apresentam uma decoração mais simples, baseada essencialmente em temática geométrica e vegetalista estilizada. As cores utilizadas são exclusivamente o azul e o verde e vinoso, não tendo produzido reflexos metálicos. Foram recolhidas na intervenção diversas peças desta proveniência, nomeadamente alguns fragmentos de tigelas pintadas em verde e vinoso e ainda parte de um *alfardon* (azulejo hexagonal) com decoração fitomórfica, de meados do século XV.

De proveniência menos longínqua temos as produções sevilhanas, importante centro de produção de cerâmica desde a Época Islâmica. Esta cidade produziu e exportou grandes quantidades de cerâmica esmaltada branca, verde e imitações de berettinos, e os famosos azulejos de corda seca e aresta, desde finais do século XV ao primeiro quartel do século XVI.

As peças de Sevilha mais representativas dos silos de Beja são os pratos de fundo onfalóide esmaltados a branco, alguns com pintura a azul e vinoso (fig. 14). Com o mesmo perfil temos ainda pratos

esmaltados a verde e vidrados em tom melado com pintura a manganês, de tradição islâmica (decoração de bolbos de lótus e apontamentos de pseudo-epigrafia árabe). A par dos pratos surgem as tigelas e escudelas de perfil carenado e hemisférico com pé anelar, por vezes com o mesmo tipo de pintura.

Sevilha produziu ainda peças de grande formato esmaltadas a verde, das quais temos um exemplar de alguidar, fabricado numa pasta bege-rosada e revestido com esmalte verde de cor intensa, apesar de bastante oxidado.

Foi também identificado um pequeno conjunto (4 fragmentos) de cerâmicas produzidas no Reino de Granada (inícios do séc. XV). Estas cerâmicas nasris constituem um conjunto homogêneo, pertencendo dois fragmentos à mesma peça, apesar de todas terem sido recolhidas em silos distintos. Apresentam esmalte branco e pintura a azul, reflexos metálicos e a combinação de ambos. As formas são abertas, em dois dos casos (tigelas), e fechada noutro (difícil de determinar a forma), destacando-se uma grande tigela de pé anelar esmaltada a branco com motivo epigráfico pintado a azul que, devido ao avançado estado de degradação do mesmo, o pigmento tornou-se amarelado (Martins e Lopes, 2006). A escassez de exemplares identificados em Portugal (apenas se conhecem provenientes de intervenções arqueológicas em Palmela e em Tavira) torna estes fragmentos de produção granadina importantes para a compreensão das rotas comerciais que chegavam ao nosso território, trazendo bens de luxo.

Em alguns silos, claramente colmatados durante os séculos XVII e XVIII surge uma quantidade considerável de cerâmica comum importada, nomeadamente as de produção altoalentejana (Montemor-o-Novo, Estremoz e Nisa). Com esta cronologia mais recente foram igualmente recolhidos vários



Fig. 13 - Tigela com decoração de cariz geométrico, pintada a verde.



Fig. 14 - Prato – produções sevilhanas.

fragmentos de faiança portuguesa.

### 5.3 - Espólio diverso

Foi recolhido na intervenção arqueológica numeroso espólio de diversas tipologias, genericamente relacionado com aspectos quotidianos e de uso pessoal, sendo apenas referido algum mais significativo.

O espólio numismático corresponde a uma colecção abundante, encontrando-se maioritariamente em bom estado de conservação. Cronologicamente destaca-se a predominância de numismas da 1ª Dinastia (449) e da 2ª Dinastia (442), existindo ainda 412 que não permitiram leitura devido ao seu estado de conservação. Podemos afirmar que existe uma predominância de numismas a partir de meados do século XIV até finais do século XV, sendo residuais os dos séculos XIII, XVI, XVII e XVIII

Os objectos relacionados com actividades bélicas estão representados através de noz de besta, punhais (tendo o cabo em osso, sendo alguns decorados) (fig. 15), espadas, um fragmento de cota de malha, dedeiras e projecteis em metal e em pedra.



Fig. 15 - Punhal com cabo em osso decorado.

Actividades profissionais específicas são-nos reveladas por vários artefactos encontrados. A manufactura de botões está atestada pela presença de alguns fragmentos de moldes de botões (em osso) e uma pequena plaina, realizada sobre osso, revela-nos a sua utilização para trabalhos de marcenaria de precisão.

A actividade profissional de ferreiro está claramente confirmada pela existência de 7 safras em osso para picar foicinhas de gume serrilhado. Estes objectos são realizados em metápodos de bovídeos e caracterizam-se por apresentarem um número variável de linhas de incisões milimétricas com perfil em “V”, lavradas no eixo transversal da diáfise previamente aplanadas em uma ou mais faces. Por vezes, as epífises proximal e distal encontram-se afeiçoadas com golpes de cutelo ou de machado (Moreno-Garcia, 2005, 572). Estes artefactos são assim resultantes do trabalho manual efectuado pelo ferreiro no decorrer do processo de afiar ou reavivar os gumes das foicinhas. Os metápodos, depois de serem previamente afeiçoados, apresentam uma superfície regular, suave e polida, ideal para servir de apoio à operação de “picar” os dentes das foicinhas. As marcas existentes nestes objectos são o resultado do impacto no osso da ponta do cinzel utilizado para fazer os dentes da foice. A repetição da

operação e a reutilização destas safras poderiam originar a fragmentação do tecido ósseo, provocando fracturas como as observadas num exemplar recolhido.

As actividades quotidianas, possivelmente realizadas no seio familiar, estão patentes em variados objectos como agulhas (de bronze ou osso), cardadeiras, fusos, cossoiros e uma torre de roca (fig. 16).



Fig. 16 - Artefactos em osso - Cossoiro e Torre de Roca

Os momentos de lazer estão representados pelos dados (fig. 17) e pelas numerosas malhas de jogo, maioritariamente em cerâmica comum, algumas de pedra e outras que correspondem a uma reutilização de fundos de taças ou jarros de cerâmica vidrada de importação, revelando a importância estética e económica deste tipo de cerâmica.



Fig. 17 - Artefactos em osso – Dados



Fig. 18 - Concha perfurada - pendente

O espólio de uso pessoal está representado por uma variedade de objectos, desde brincos, anéis, fios, contas, botões, entre outros. Salientamos aqui um artefacto, cuja matéria-prima utilizada foi uma concha. Trata-se de uma gastrópode no qual foi realizada uma perfuração, de formato circular, na zona interior do canal sifonal. Esta perfuração antrópica foi realizada com o objectivo de utilizar

a concha pendurada, provavelmente como um objecto de adorno pessoal, talvez um pendente. Encontra-se inteira, em bom estado de conservação, tendo apenas perdido a

coloração original, apresentando assim cor branca. Tem 4 cm de altura e 2,5 cm de largura máxima, pesando 8,14 gramas.

Taxonomicamente pertence à Classe **GASTROPODA**, Família **CYPRAEIDAE**, Espécie *Zonaria pyrum* (Gmelin, 1790), anteriormente referenciada por *Cypraea pyrum*.

Apresenta cor castanho-alaranjada com bandas e flâmulas claras (Saldanha, 185). Trata-se de um gastrópode de águas quentes, subtropicais e tropicais ocorrendo no Mediterrâneo (sobretudo costas a Sul) e nas costas atlânticas de África. Poderia ocorrer no Algarve ou na Madeira, porém esta é uma possibilidade remota, sendo que também no Mediterrâneo não é um gastrópode muito comum, sendo dificilmente encontrado nas praias ou margens. (identificação e informação Carlos Marques da Silva)

O espólio vítreo encontra-se muito fragmentado, possibilitando apenas a reconstituição tipológica de escassas peças.

O restante e numeroso espólio metálico (objectos de bronze, cobre e ferro) encontra-se muito oxidado, sendo apenas possível nos objectos em bronze reconhecer tipologias de artefactos.

## 6 - Beja e os silos: enquadramento histórico-arqueológico

### 6.1. – O percurso histórico e os meios de produção

A preocupação em incentivar a actividade agrícola, levando à diminuição dos campos abandonados encontra-se já bem patente no Foral de Beja doado por D. Afonso III no século XIII. Portugal apresentava-se como um país essencialmente agrícola, conhecedor de técnicas de cultivo legadas pelo povo romano e pelo árabe. Após a Reconquista, ocorre um incremento da actividade agrícola levado a cabo principalmente por parte das ordens eclesiásticas através dos conventos.

As condições climáticas adversas, as contribuições exigidas elevadas, aliadas às crises económicas (fomentadas pelas fomes e pestes) eram de tal modo desmotivadoras que o abandono das terras tornou-se na consequência mais clara destas calamidades. Foram frequentes medidas radicais por parte da coroa para impedir esta situação, porém, desde os séculos XIII-XIV existiu sempre falta de mão-de-obra, ficando assim muitas terras abandonadas e incultas.

Relativamente a Beja, durante os séculos XI e XII a cidade foi praticamente destruída, levando ao seu abandono. Ocorreu uma saída maciça da população, dirigida essencialmente para Mértola e Sevilha, criando um período de estagnação e decadência económica, cultural e populacional que se prolongou até finais do século XIII inícios do século XIV.

A prosperidade económica dos séculos XIV e XV é alcançada por um lento crescimento populacional, com a vinda de populações da zona ribatejana (provavelmente elites de Santarém) que pedem a D. Afonso III a cedência do foral de Santarém para Beja. Esta elite traz para a cidade dinheiro e

contactos comerciais.

Apesar das crises agrícolas que provocavam a falta de cereais por todo o reino, era sempre a Beja que este era requisitado, havendo mesmo referência no Verão de 1651 de uma elevada requisição de cereais, concluindo-se, deste modo, a abundância de cereais produzidos (Goes, 1998). D. Manuel tornou Beja no início do século XVI, uma das cidades mais ricas e importantes do sul do Tejo, juntamente com Évora, Portalegre e Elvas. Este crescimento económico do século XVI é sustentado em grande parte na produção agrícola.

Os solos de boa qualidade proporcionaram ao Alentejo a possibilidade de produção de vários tipos de cereal, existindo desde os textos das Inquirições gerais de 1220, 1258 e 1284, nos contratos de aforamento de terras de D. Afonso III, de D. Dinis e das instituições religiosas referências ao trigo, à cevada, ao centeio e ao milho que eram a moeda de troca por excelência. O termo *Pão* era a forma mais corrente de designar aqueles cereais, sendo o trigo o mais utilizado em todos os períodos (Goes, 1998).

Logo durante o século XV, Beja conheceu uma certa dinâmica económica proporcionada pela pecuária e pela agricultura, levando à sua expansão para fora dos muros medievais. As feiras tornaram Beja pólo de atracção de comerciantes, onde se realizavam trocas a nível nacional e internacional.

## 6.2. As rotas comerciais: produtos e vias de comunicação

Esta cidade do interior Alentejano, encontra-se distante da costa ou de estuários dos principais rios. A Noroeste localiza-se o estuário do Sado, com entrada por Alcácer do Sal, levando à Costa Atlântica, e a Sudeste o estuário do Guadiana, com entrada em Mértola, levando à Costa Sul e à passagem para o Mediterrâneo. Assim, apesar de Beja ser uma cidade do interior, sem uma via fluvial imediatamente próxima, o Guadiana funcionava como via de comunicação com o Sul e o caminho para Alcácer do Sal como a via de comunicação terrestre até ao caminho fluvial que se iniciava nesta cidade do estuário do Sado e que poderia conduzir para Norte (Lisboa e Norte da Europa) ou para Sul (Costa Atlântica e Mediterrâneo).

Estas rotas comerciais efectuavam-se frequentemente trazendo à cidade todo o tipo de materiais, desde bens alimentícios, produtos comerciais de luxo, animais, produtos pessoais, entre muitos outros, servindo depois igualmente de vias de exportação.

Desde o período Islâmico que Alcácer do Sal se tinha notabilizado pelos seus estaleiros navais e pelo seu comércio, tradição esta que permaneceu nas épocas posteriores, mantendo uma dinâmica comercial também com o interior. A sul os portos de Castro Marim e de Tavira (no estuário do Guadiana e um pouco depois da sua foz respectivamente) funcionavam como local de trocas comerciais e entrepostos de bens alimentícios e materiais.

A cidade de Beja encontrava-se assim no centro destas duas rotas comerciais, que partiam directamente do Oceano

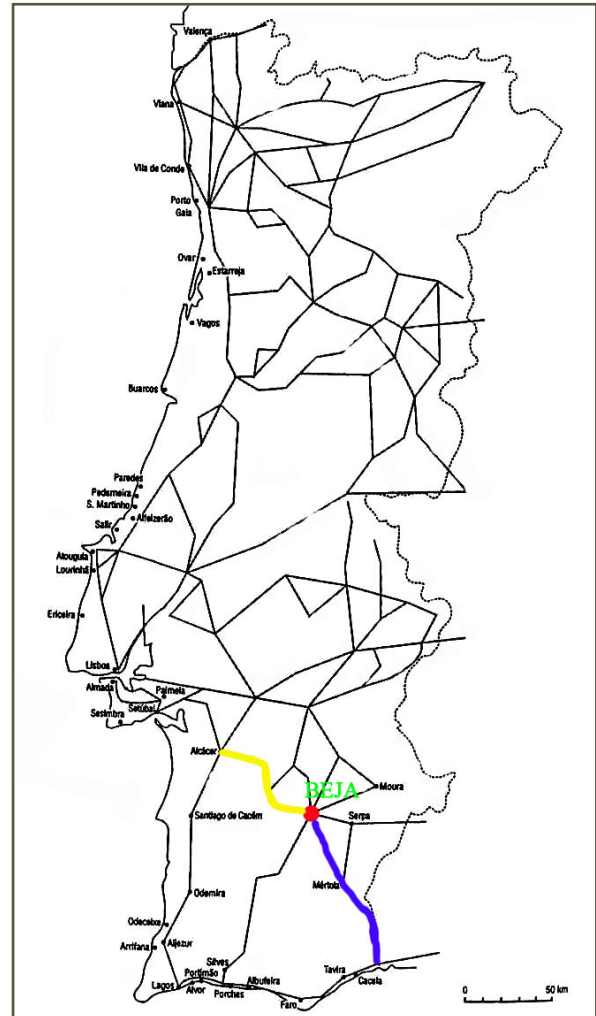


Fig. 19 - Mapa com vias comerciais para a cidade de Beja, em época Medieval - Moderna (Serrão, 488)

Atlântico por estuários, possibilitando o transporte de todo o tipo de bens, de maneira rápida e segura. Os bens alimentares, nomeadamente a fauna malacológica, chegariam a Beja facilmente, após uma viagem rápida, sem o risco das espécies coníferas ficarem estragadas e assim sem comercialização. Certamente não seriam (nomeadamente a *T. decussatus* e *O. edulis*) bens alimentícios de luxo, pois a sua abundância na intervenção arqueológica, atesta o contrário, sendo antes produtos muito frequentes. Esta elevada predominância de moluscos comestíveis enquadra-se na hipótese histórico-arqueológica, de que os silos seriam utilizados num período posterior à sua desactivação, como local de despejo de detritos domésticos, funcionando simplesmente como "lixreira".

As rotas comerciais traziam para Beja não só produtos nacionais, mas também produtos de outros países e outras zonas do mundo. Como foi anteriormente referido foi recolhido um importante conjunto de cerâmicas de importação de diversas proveniências. Com este comércio de cerâmica de luxo, certamente viriam outros objectos e materiais, do qual a concha perfurada, igualmente referida, é um óptimo exemplo. A



*zonaria pyrum* é uma espécie exógena, não ocorrendo nas águas das costas atlânticas portuguesas, tendo sido por isso trazida para Beja através de rotas comerciais internacionais. Poderá ter sido recolhida no Mediterrâneo Sul ou na costa Africana, sendo a proveniência Mediterrânica mais provável devido à existência de trocas comerciais intensas com esta zona. Provavelmente terá chegado a Beja já na sua função secundária, de adorno, tendo sido perfurada no seu local de recolha e transformada antrópicamente por um artesão. Este realizaria este trabalho recorrentemente, de maneira especializada, visto a perfuração ter sido precisa e eficaz, não danificando a concha, sendo realizada num local previamente escolhido, reconhecido como o melhor para efectuar a pressão necessária. Quando foi utilizada como adorno, possivelmente um pendente (talvez num fio ou num alicate de vestuário) o gastrópode possuiria ainda a sua coloração natural, de tons castanho-amarelados, perdendo-a devido a processos tafonómicos num momento muito posterior à sua utilização como adorno. O facto de se encontrar inteira, não apresentando a zona da perfuração fragmentada, revela-nos que foi abandonada ainda num momento em que poderia ser utilizada, podendo ter sido perdida ou simplesmente deixada fora.

### 6.3. – Os silos de Beja

A presente intervenção arqueológica revelou-nos assim que um numeroso conjunto de silos estava localizado nesta área extra-muros da cidade. Apercebemo-nos claramente de três linhas de silos muito próximas da muralha de Beja. Contudo não podemos deixar de salientar que a realidade arqueológica identificada não corresponde a um contexto fechado, ou seja, não conhecemos a totalidade de silos nesta área, nem se existiriam estruturas associadas aos silos, que poderiam localizar-se numa zona mais próxima da muralha, visto que, na zona intervencionada a Sudoeste, estas não foram identificadas<sup>2</sup>.

Este conjunto de silos não estava relacionado com nenhuma paróquia, convento, palácio ou casa senhorial, mas certamente não seriam propriedade de simples particulares a título individual, tornando-se indispensável uma pesquisa histórica direccionada para esta questão.

Provavelmente, a cidade de Beja teria em todo o perímetro exterior da muralha silos, hipótese corroborada pelas referências a estas estruturas em variadas zonas da cidade.

Abel Viana refere algumas destas estruturas que identificou pela cidade, normalmente em contexto de obras (Viana, 1946; Viana, 1954), salientando as suas grandes dimensões. Enumera a localização de alguns dos silos, referindo porém a existência de inúmeros dispersos pela cidade no interior e no exterior da muralha. São referidos silos na Rua da Conceição e na Rua da Torrinha (4 silos de grandes dimensões),

um silo identificado em 1940 na Rua do Conde da Boavista e outro posteriormente, existem referências a silos na Rua da Conceição por baixo do piso do antigo refeitório do convento, na Rua de Santo António ou das Lojas, na Rua do Mestre Manuel, na Travessa do Padre Plácido, na Praça da República, no recinto do Castelo (este encontrava-se vazio), na Rua do Touro, na Rua da Misericórdia e na Rua dos Prazeres. Em Novembro de 1952 foram identificados sete silos de pequenas dimensões na Rua do Conde da Boavista quando se abriam as caves do Banco Ultramarino, silos estes que fariam parte de um grupo que se prolongaria pelo pavimento da actual rua. Estes últimos provavelmente teriam sido abandonados cerca de 1506, quando se acabou de construir o refeitório do convento da Conceição, ficando ocultos sobre o pavimento (Viana, 1954).

De salientar a referência de Abel Viana a silos que examinou na Praça de Miguel Fernandes e também na Rua de Lisboa (prolongamento da Av. Miguel Fernandes para Norte), dizendo que os silos da Av. Miguel Fernandes comunicavam entre si, não tendo sido possível descer ao interior destes por estarem inundados, mas que se encontravam transformados em fossas de saneamento. Porém pôde analisar o silo da Rua de Lisboa, que apresentava 2, 30m de profundidade por 1, 75m de largura máxima, e que como se encontrava no meio da estrada foi necessário entulha-lo para não ocorrer novo aluimento de terras à passagem de carros pesados (Viana, 1946). Esta situação de entulhamento em época contemporânea foi também observada na intervenção arqueológica.

O autor diz-nos em relação aos silos que estes “ (...) intensamente distribuídos no subsolo de Beja, são na maioria periodicamente destapados, e certamente remexidos por curiosos, além de que foram usados pela nossa gente, durante séculos (...)” (Viana, 1946,173). As suas observações permitiram-lhe recolher numerosas peças de cerâmica comum (algumas inteiras ou parcialmente fragmentadas), cerâmicas de importação como porcelanas e faianças de produção nacional, assim como inúmeros objectos de outras tipologias depositados no Museu Municipal de Beja.

Em 1987 foi escavado um silo na Rua das Portas de Moura, em contexto de salvamento, na sequência de obras de recuperação no interior de um edifício, verificando-se o seu entulhamento pela última vez entre os séculos XIX e XX, sendo os materiais recolhidos de diversas cronologias variando entre modernos, islâmicos e romanos<sup>3</sup>.

A função secundária destas estruturas está assim bem patente havendo referência aos despejos domésticos de habitações próximas dos silos, efectuadas pelo menos até à primeira metade do séc. XX.

Os silos estariam intrinsecamente ligados à vida das populações quer quando tinham como função a armazenagem de bens alimentícios quer quando se tornaram no local de despejo de desperdícios domésticos ou profissionais. A ter-

2 - Através de informação oral de habitantes locais soubemos da existência de outros silos descobertos durante obras no interior das habitações adjacentes à Av. Miguel Fernandes, que se encontram junto da muralha.

3 - Informação retirada da base de dados do IPA. Intervenção arqueológica realizada pela Dra. Susana Helena Correia.

minologia de silo certamente variou em termos cronológicos e geográficos, existindo para a zona em questão as referências a matmôrras, matamôrras, masmorras, matmôras, covas e covelas, designações ligadas à ideia de esconderijo ou prisão (Viana, 1946, 173).

Os silos teriam assim como função primária a armazenagem de produtos alimentares como cereais e provavelmente frutos secos. São estruturas negativas que permitem uma boa conservação dos alimentos, ocupando um espaço reduzido. Permitem ocultar os mantimentos ou o produto das colheitas e provavelmente teriam sobre a tampa alguma cobertura perecível ou simplesmente terra. Salienta-se a proximidade da área intervencionada com os campos de cereais, que ainda no início do século chegavam a esta zona, imediatamente antes das hortas que rodeavam toda a cidade, proporcionando vegetais e árvores de fruto para consumo interno da cidade.

A criação de Celeiro Comum de Beja a 29 de Agosto de 1579 pelo Cardeal Rei D. Henrique levou seguramente à desactivação dos silos. Funcionou inicialmente em duas casas do Hospital de Nossa Senhora da Piedade, surgindo referido em documentos do século XVI como “celeiro do Hospital”. As crises sucessivas da agricultura nacional levaram à criação do Celeiro Comum de Beja, proibindo aos lavradores da cidade e do seu termo encovar cereais (trigo e cevada guardados em silos ou em talhas soterradas), ficando o cereal existente inventariado e sob controlo camarário (Goes, 1998, 303).

Os silos tornaram-se assim em local de despejo de lixeiras domésticas, muito provavelmente dos arredores próximos e também de açougues ou matadouros.

É patente o aproveitamento exaustivo do espaço na Av. Miguel Fernandes, revelado pelas grandes dimensões dos silos e pela sua elevada concentração. A característica branda do substrato geológico foi provavelmente um factor decisivo para a realização de estruturas de grande dimensão e em tão elevada quantidade.

Cronologicamente podemos propor a abertura e utilização dos silos como contentores de armazenagem de cereais provavelmente durante os séculos XIV-XV (podendo alguns recuar ao século XIII), tornando-se a criação do Celeiro Comum de Beja em finais do século XVI elemento indicador da desactivação dos silos da sua função primária. Porém, anteriormente alguns silos já teriam sido desactivados (durante séc. XV), num momento em que outros ainda estariam a funcionar como depósito. Os materiais recolhidos na maioria dos silos remetem-nos para um período cronológico balizado entre os séculos XV-XVI, existindo porém materiais datáveis do séc. XIV, verificando-se ainda que alguns silos foram colmatados durante o século XVII.

Lisboa, Dezembro de 2006

## Bibliografia

- Carta da Capacidade do Uso do Solo, esc. 1:50 000, Folha 43-C, Secretaria de Estado da Agricultura, 1961.
- GOES, Manuel Casteleiro de (1998) – *Beja – XX séculos de história de uma cidade*, Tomo II, ed. Câmara Municipal de Beja
- MACDONALD, David; BARRET, Priscilla (1993) – *Guias Fapas. Mamíferos de Portugal e Europa*, FAPAS, Câmara Municipal do Porto
- MARTINS, Andrea; NEVES, César; ALDEIAS, Vera; LOPES, Gonçalo; COSTA, Cláudia (2005) – *Reservatórios de história – Os silos da Avenida Miguel Fernandes – Beja, Actas das Jornadas de Arqueologia Medieval Moderna de Castelo Novo* (no prelo)
- MARTINS, Andrea; LOPES, Gonçalo (2006) – *Cerâmicas nasris dos silos da Avenida Miguel Fernandes - Beja, Actas do III Encontro de Arqueologia do Dudoeste Peninsular*, Aljustrel (no prelo)
- MORENO-GARCIA, M. P., Carlos M.; RUAS, José Paulo (2005) - *Safras em osso para picar foichinhas de gume serrilhado...a sua longa história. Revista Portuguesa de Arqueologia*, Lisboa. Vol.8, nº 2, p. 571-627.
- REITZ, Elizabeth; WEITZ, Elizabeth (2001) – *Zooarchaeology*, Cambridge University Press
- SALDANHA, Luiz (1995) – *Fauna Submarina e Atlântica*, Publicações Europa-América, 361 p.
- SERRÃO, Joel; MARQUES, A.H. de Oliveira (dir.) (1996) – *Portugal em definição de fronteiras – Do Condado Portucalense à crise do Século XIV*, Nova História de Portugal, Vol. III, Editorial Presença, pp. 487-493
- VIANA, Abel (1946) – “Mosteiro da Conceição e Palácio dos Infantes”, *Arquivo de Beja*, Vol. III, Beja, p. 161-211.
- VIANA, Abel (1954) – “Notas históricas, Arqueológicas e Etnográficas do Baixo Alentejo”, *Arquivo de Beja*, Vol. XI, Beja, pp. 9- 26  
<http://agricultura.isa.uh.pt/agricultura/solos/barropr.htm>  
<http://www.ipa.min-cultura.pt>

## Autoria

Andrea Martins

Arqueóloga – andrea.m@clix.pt - Crivarque Lda

César Neves

Arqueólogo – neves\_cesar@yahoo.com.br – [Criarque Lda](http://www.criarque.com).

Vera Aldeias

Arqueóloga – veraldeias@hotmail.com